

revista de comunicação,  
jornalismo e espaço público

7

Periodicidade  
Semestral

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

---

# *mediapolis*

tema

media, comunicação e género  
media, communication and gender



# Além das “Mães de Bragança”:

*a estereotipização da mulher brasileira no jornalismo português*

*Beyond “Braganza Mothers”:  
the stereotyping of Brazilian women in Portuguese journalism*

*Ester Amaral  
de Paula Minga*

Doutoranda em Ciências da Comunicação da

Universidade Nova de Lisboa

ester.minga@gmail.com

ORCID: 0000-0002-0974-0369

[https://doi.org/10.14195/2183-6019\\_7\\_6](https://doi.org/10.14195/2183-6019_7_6)

## *Resumo*

Utilizando como mote o caso “Mães de Bragança”, conhecido em 2003 por meio de uma representação mediática sensacionalista, em que se identificou a presença de estereótipos acerca das brasileiras (Correia, 2014), este artigo busca demonstrar, a partir de uma análise crítica a quatro textos não relacionados com a temática da prostituição, que a estereotipia do discurso jornalístico sobre as brasileiras não se identifica apenas em textos referentes à prostituição de imigrantes. Evidencia-se, também, o caráter ubíquo desta exaltação mediática do exotismo, conjugado com uma sensualidade que seria inata, não apenas das brasileiras, mas também do Brasil. Para compreender as razões deste fenómeno, contextualizamos as origens das representações sociais sobre as brasileiras, destacando o peso do luso-tropicalismo, teoria desenvolvida por Gilberto Freyre em meados do séc. XX, para esta construção.

**Palavras-chave:** representações sociais; estereótipos; luso-tropicalismo; jornalismo; brasileiras.

## *Abstract*

Using the “Braganza Mothers” case as point of departure, known in 2003 through a sensational media representation, with the presence of stereotypes about Brazilian women (Correia, 2014), this article seeks to demonstrate, from a critical analysis of four texts unrelated to the theme of prostitution, that the stereotyping of the journalistic discourse about Brazilian women is not only identified in texts referring to the prostitution of immigrants. The ubiquity of this mediatic exaltation of exoticism, combined with a sensuality that would be innate not only to Brazilian women, but even to Brazil, is also evident. To understand the reasons for this phenomenon, we contextualize the origins of the social representations of Brazilian women, highlighting the weight in those constructions of the Luso-tropicalism, a theory developed by Gilberto Freyre in the mid twentieth century.

**Keywords:** social representations; stereotypes; luso-tropicalism; journalism; Brazilian women.

## Introdução

Em maio de 2003, surgiu o “Mães de Bragança”, movimento formado por mulheres desta cidade do Norte de Portugal cujo objetivo era solicitar às autoridades a expulsão de prostitutas brasileiras por, supostamente, seduzirem seus maridos. Segundo José Machado Pais (2010), o imbróglcio começou a esboçar-se quando algumas esposas, ao partilharem os seus desencontros conjugais, notarem que as histórias se repetiam; tal evidência, conjugada com as notícias da imprensa local da presença de uma centena de brasileiras a residirem em Bragança e a trabalharem no comércio sexual, tornou as suspeitas inquestionáveis e levou algumas mulheres a redigirem um manifesto entregue às autoridades locais.

Sua primeira consequência foi a intensa cobertura mediática que não se restringiu aos órgãos de comunicação social portugueses, ao ser capa da revista *Time* em outubro do mesmo ano. Segundo João Carlos Correia (2014), o movimento “Mães de Bragança” tornou-se um ícone das representações xenófobas e estereotipizações de género nos *media*, além de figurar

como o primeiro exemplo para a discussão do discurso mediático sobre a brasileira<sup>1</sup>.

A cobertura mediática ensejada pelo movimento, assim como as notícias relacionadas aos temas “prostituição” e “imigrantes brasileiras,”<sup>2</sup> conduziram à conclusão de que o tom dominante era a linguagem *tablóide* e que pululavam estereótipos de género interseccionados àqueles sobre pessoas de países tropicais. O que se procura demonstrar é que tal ocorrência não se identifica apenas nos

1 Exemplos de estudos posteriores ao caso sobre a representação mediática das brasileiras são os de Luciana Pontes (2004); Isabel Ferin-Cunha (2005); e, mais recentemente, os de Francine Oliveira, Rosa Cabecinhas e Isabel Ferin-Cunha (2011) e Camila Queiroz (2016).

2 Recorrentes no início do séc. XXI por refletirem o afluxo de imigrantes brasileiros verificado no período, assim como as consequentes ocorrências de tráfico de pessoas e prostituição ilegal. Segundo Jorge Macaísta Malheiros (2007), este movimento corresponde à segunda vaga de imigração brasileira em Portugal, cujas características são distintas àquelas identificadas na primeira, pois esta vaga, percecionada em finais dos anos 1980, caracterizou-se por incorporar trabalhadores qualificados, enquanto a segunda, notável a partir de 1999, apresentou-se como mais numerosa, mais jovem, feminina e composta por uma proporção um pouco mais elevada de pessoas oriundas das classes médias baixas brasileiras.

textos relacionados com a temática da prostituição. Observa-se, pelo contrário, que um enquadramento estereotipado perpassa a cobertura jornalística sobre o país e a sua população, pois identificamos em textos de distintas temáticas, a associação entre uma ideia de exotismo e a figura não apenas da brasileira, mas também do Brasil.

Ao analisarem-se quatro textos publicados pelos jornais *Público* e *Expresso*, identificamos não apenas a presença de estereótipos sobre as brasileiras, como também uma representação exotizada da identidade brasileira, reverberando em um retrato feminizado do país (Pontes, 2004). Tal sugere-nos que, a despeito dos estereótipos terem aparecido com mais recorrência no início do séc. XXI a partir de notícias sobre prostituição de imigrantes brasileiras, as representações sociais vigentes em Portugal acerca do Brasil e das brasileiras possuem raízes mais antigas.

As investigações de Pontes (2004) e Oliveira *et al.* (2011), entre outras, também observam que, a despeito da recorrente associação à prostituição, a presença de estereótipos realçando

a sensualidade destas mulheres não se identifica apenas em textos relativos ao comércio sexual. No entanto, ao selecionarmos quatro notícias com temáticas bastante distintas desta, buscamos ir além e compreender o caráter ubíquo desta exaltação de um exotismo conotado com o Brasil.

Nesse sentido, adotamos a perspectiva de Igor José de Renó Machado (2003) sobre o exótico, identificando em seus processos movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos. A partir de uma postura essencialmente ética, não se entende o exotismo como um meio de compreensão da alteridade, mas como um projeto hegemônico de dominação cultural do Outro, que fixa diferenças *a priori* não fixáveis.

É numa perspectiva histórica que vemos a construção do exótico como dominação colonial e cultural, como dominação que acaba por ser parte constituinte da identidade de povos colonizados (como afirma Hall, 1996). (Machado, 2003, p. 21)

Ao relacionarmos esses processos de exotização com a construção da identidade brasileira – não apenas a partir das representações estabelecidas pelo colonizador português, mas também por meio de representações promovidas pelo Estado e a cultura popular brasileiros, em que o contributo daquele foi incorporado –, identificamos as duas instâncias indicadas por Machado (2003) como produtoras de estereótipos sobre a mulher brasileira: o Estado brasileiro, historicamente preocupado em consolidar determinada imagem da identidade nacional, o que posteriormente confluiu na sua exploração pragmática para fins de promoção do turismo (Oliveira *et al.*, 2011); e o Estado português, que desde o período colonial reelabora imagens sobre o país. Portanto, ainda que a nossa análise repouse sobre o discurso jornalístico português, temos em atenção esta dupla fonte de produção de estereótipos, pois, conforme discutiremos, uns e outros se retroalimentam.

Sobre o conceito de estereótipo, indica-se o aparecimento do termo no livro *Public Opinion* (1922/1998), de Walter Lippmann, também referente

à primeira abordagem sobre o conceito. Segundo este autor, a realidade envolvente seria muito complexa para se distinguirem especificidades de generalidades – o que corresponderia a uma tarefa exaustiva –, emergindo os estereótipos, portanto, como o resultado de um processo cognitivo de economia de energia, em que o indivíduo tende a selecionar o que a cultura na qual se encontra imerso já tem por definido e percebê-lo na forma por ela estereotipada.

Também nos debruçamos sobre as análises de Serge Moscovici (1988) acerca das representações sociais, pela ênfase concedida ao aspecto comunicacional no processo cognitivo de apreensão da realidade, cujo resultado seriam ideias/imagens tidas como o senso comum. Ou seja, correlatas aos estereótipos, as representações sociais corresponderiam a pensamentos e ideias individuais, tornados sociais a partir de processos comunicacionais (tanto de caráter dialógico, quanto mediático).

Estas representações, no momento em que se estabelecem, assumem um caráter prescritivo para o indivíduo, corporificado na tradição

e estruturas sociais (Hoijer, 2011), todavia, ele mantém certa autonomia em sua assimilação, podendo também modificá-las. Assim, ainda que haja representações sociais de diferentes tipos – por exemplo, as de cariz hegemónico, geralmente relacionadas com estereótipos mais perenes, fincados na tradição cultural de uma sociedade –, o seu processo de constituição possui a possibilidade virtual de sua modificação.

No processo de ancoragem (um dos meios pelos quais as representações sociais se formam), por exemplo, um fenómeno novo é compreendido a partir de sua associação a alguma representação social já estabelecida, similar a si; o que não apenas diz respeito a um decalque puro e simples, mas, mais comumente, sugere modificações nas representações sociais mobilizadas. Compreender tal dinâmica parece-nos fundamental na análise dos estereótipos sobre as brasileiras, pois, além de possuírem uma fonte dupla de produção, as relações históricas entre os dois países (no início do séc. XXI incrementada por um fluxo migratório no sentido Brasil - Portugal) não apenas adensam a produção mútua de

representações, como permitem que sofram um processo de constante reelaboração.

Comum às leituras de Lippmann e Moscocivi também está a referência subjacente ao conceito de ideologia, como o senso comum ou ideias *taken for granted* de grupos ou sociedades. Conforme Teun A. van Dijk relaciona o estabelecimento de representações sociais e as ideologias em disputa numa sociedade,

(...) as ideologias de grupos dominantes controlam o desenvolvimento das RS [representações sociais], a formação de modelos, a produção da acção e o discurso dos membros dos grupos de tal forma que o grupo manterá o poder e reproduzirá a sua hegemonia relativamente a grupos dominados, como tem sido mais óbvio nos casos de classismo, sexismo e racismo. (2005, p. 113)

Nesse sentido, relacionaremos a análise da representação exotizada do Brasil e de seu povo com a influência luso-tropicalista na formação das respectivas identidades nacionais

ao revestir-se, no caso brasileiro, do mito da democracia racial, porém, subjacentemente, encarnar uma ideologia de branqueamento (Craveiro & Carvalho, 2017) e, no caso português, como uma ideologia de defesa de seu colonialismo tardio, ao exaltar a propensão dos portugueses à miscigenação (Brito & Rosas, 1996).

Sendo, portanto, através do discurso<sup>3</sup> que as representações sociais se estabelecem, os grupos majoritários tendem a exercer o controlo dos *media*, vistos como meios de produção ideológica (van Dijk, 2005). Todavia, nas sociedades democráticas não é possível exercer esse controlo de modo explícito, o que explica a complexidade da luta pela definição de sentido na atualidade. Nesse contexto, no seu trabalho de mediação simbólica, os *media* concedem cada vez mais importância aos mecanismos de argumentação e persuasão, o que nos indica a sutileza da atual expressão do sistema ideológico dominante nos

---

3 Aqui entendido no sentido mais geral de “evento comunicativo”, o que também engloba conversações, gestos associados, expressão facial, arranjo tipográfico, imagens e afins (van Dijk, 2005).

*media*, com os jornalistas cotidianamente valendo-se de tipificações para reduzir a contingência envolvente e tornar o mundo mais compreensível à audiência.

Estas tipificações associam-se, por sua vez, aos enquadramentos (frames) enquanto estruturas cognitivas básicas que guiam a percepção e a representação da realidade e dos agentes que nela atuam como protagonistas. Os enquadramentos refletem muitas vezes os princípios de inclusão e exclusão. Configuram o significado dos acontecimentos à luz do sistema ideológico dominante. (Correia, 2014: 187)

Ao debruçarmo-nos sobre os textos selecionados, valer-nos-emos tanto dos contributos da análise crítica do discurso, quanto da análise de enquadramentos. É na intersecção desses dois auxiliares metodológicos que buscamos captar a imagem da mulher brasileira nas notícias, e compreender a quais ideologias, e estereótipos derivados ela se liga.

### **A imagem da mulher brasileira**

Como afirma Beatriz Padilla (2007), em Portugal os brasileiros são vistos genericamente como simpáticos e alegres, quase como se tais características fossem inatas; o que, para além da existência de uma língua em comum, contribui para a sua escolha preferencial no trabalho de atendimento em lojas, restaurantes, hotéis e outros serviços similares. Nesse contexto, a simpatia torna-se uma característica étnica, também resultado do processo de exotização da figura do brasileiro (Machado, 2003).

A existência deste imaginário sobre como são e como se comportam os brasileiros termina por aprisionar os imigrantes, pois eles acabam por ter que corresponder a esses papéis (mesmo que alguém seja tímido, por exemplo) de forma a estarem aptos a preencherem as vagas nos nichos laborais em que os brasileiros são mais requisitados. Para além desse processo de aprisionamento, os estereótipos existentes sobre os brasileiros e, principalmente, sobre as

brasileiras, afetam o dia-a-dia dos imigrantes<sup>4</sup>.

Há a ideia de que em geral os brasileiros gostam de festa e estão sempre bem dispostos, no entanto, especificamente, os homens brasileiros são considerados malandros e preguiçosos e as mulheres calorosas, exuberantes e fáceis. “Entre esta imagem da brasileira calorosa e exuberante e a da prostituta vai só um passo, sendo esta analogia reforçada pelas notícias permanentes que os *media* transmitem.” (Padilla, 2007, p. 125).

Tentando compreender as origens desse imaginário, Bela Feldman-Bianco (2001) observa que “vagabundos” e “mulatos” eram os modos utilizados pelos portugueses em Portugal e no Brasil para se referirem à

---

4 Machado (2003) caracteriza de aprisionamento a adequação dos imigrantes brasileiros aos estereótipos correntes, como forma de mais facilmente inserirem-se no mercado laboral português; porém Pontes (2004), identifica na correlata assimilação pelas imigrantes mulheres de estereótipos relacionados à exuberância e sexualidade das brasileiras, no sentido de melhor posicionarem-se no comércio sexual, uma expressão de sua autonomia e um exemplo de como grupos minoritários apreendem os estereótipos sobre si e os ressignificam de uma forma que não é de todo subalterna.

população brasileira durante o período em que o país declarou sua independência (entre 1822 e 1825) e a Primeira República (1889-1930). Essas formas de provocação procuravam diferenciar os civilizados europeus dos “não civilizados” brasileiros ou dos “portugueses do Brasil” (a maneira como a população do país era denominada durante o período da independência).

These stereotypes, which were gendered as well as racist, began to be updated and recreated in Portugal in the 1980s, as the Portuguese confronted the competition of Brazilian immigrants - the so-called Brazucas - in the labor market. (...) Central to these stereotypes were notions of the Brazilian *ginga* (Brazilian swaying movement) and of “tropical sensuality” portrayed as inherent traits of the “mulatto woman.” (Feldman-Bianco, 2001, p. 12)

A reelaboração de tais estereótipos também teve o ensejo da profusão de imagens do/sobre o Brasil desde sempre disponível em Portugal, porém,

naquele período, disseminadas sobretudo pelas telenovelas e as chamadas “cultura brasileira” ou “noites brasileiras” em boates, estas também promovidas por brasileiros. Essa “cultura brasileira” para consumo fora influenciada pelas interpretações de Freyre sobre o caráter nacional e conduziu à caracterização do país como uma “democracia racial” e da *mulata* como um produto de exportação nacional<sup>5</sup>.

Porém, ao debruçarmo-nos sobre o histórico de construção da identidade nacional observamos também o peso das representações de europeus – estabelecidas durante o período colonial – acerca do Brasil e de sua população. Nesse sentido, identifica-se nos processos de exotização parte constituinte da identidade de povos colonizados, conforme explica Stuart Hall (*apud* Machado, 2003), pois tais representações pretenderam, sobretudo, ressaltar o que era visto como

<sup>5</sup> A construção da imagem da brasileira (e, mais especificamente, da *mulata*) como um produto ocorreu ao longo de anos, porém conheceu o seu apogeu na década de 1960 com a criação do Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur, cuja promoção internacional do turismo tinha como estratégia atrair o estrangeiro por meio da sedução (Oliveira *et al.*, 2011).

um comportamento natural e amoral das nativas, relativamente à sexualidade.

Especificamente, sobre a imagem da brasileira, Camila Craveiro e Cláudia Carvalho (2017) identificam na *Carta do achamento*, de Pero Vaz de Caminha, o primeiro registo do olhar colonizador sobre as nativas.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha. (Caminha *apud* Craveiro & Carvalho, 2017, p. 67)

Jean Marcel Carvalho França (2003) indica que a imagem das brasileiras como “sexualmente disponíveis” fora alicerçada sobre os relatos dos poucos estrangeiros (não portugueses) que aportaram em praias brasileiras durante o período colonial. Um em especial prestou importante contributo a esta imagem, ao conhecer inúmeras reedições e traduções e dialogar

com os relatos subsequentes: “Cook’s Voyage” (1768-1771), do capitão da marinha britânica, James Cook.

Eis, na íntegra, a observação de Cook que tanto sucesso teve entre o público apreciador de narrativas de viagens da época: “Creio que todos estarão de acordo em admitir que as mulheres das colônias espanholas e portuguesas da América meridional concedem seus favores mais facilmente do que aquelas dos países civilizados. (...) (França, 2003)

Francisco Bosco (2007) não concede tanta relevância ao olhar estrangeiro na construção da identidade brasileira, porém posiciona este processo num devir histórico, em que o país após a independência, e de forma análoga a outras nações de origem similar, procurou na exaltação de sua natureza uma compensação para a precariedade material e institucional em que vivia, assim como um sinal de suas potencialidades civilizacionais futuras. Tal perspectiva, abrangida pela canção popular das primeiras décadas do séc. XX, exaltou euforicamente a terra

e a pátria, e também correspondeu ao primeiro momento de internacionalização da imagem brasileira, a partir da figura de Carmen Miranda.

Todavia, o que denomina de “gênero cultural natureza ostentação” sofreu uma inflexão nessas primeiras décadas e, sob inúmeras influências, a representação da natureza passou a associar-se à cultura nacional, com esta portando os traços daquela.

A “terra boa e gostosa”, relaxada, acolhedora, rima com a “morena sestrosa/ de olhar indiscreto” e reflete nela. A exuberância das frutas sobre a cabeça de Carmen Miranda espelha sua figura também ela exuberante, sensual, cheia de vitalidade e corpo, sem o recalque das pulsões sexuais que marca o mal-estar agravado das nações mais intensamente produtivas. (Bosco, 2017, p. 35)

Para o autor, a narrativa de país mestiço, tropical e exótico não corresponde apenas a uma construção do Estado brasileiro, pois também emerge como dominante na tradição cultural do país. E para a consolidação dessa

narrativa no âmbito da *cultura popular brasileira*, ocorrida durante a primeira metade do séc. XX, Bosco (2017) assinala o contributo fundamental da obra *Casa-grande & senzala* (1933/2006), de Freyre.

Como indica Cláudia Castelo (1998), o luso-tropicalismo só tomou forma enquanto teoria na obra *O luso e o trópico*, publicada em 1958, porém desde *Casa-grande & senzala* encontravam-se reunidos os elementos fundamentais de sua doutrina. Caracterizado como um complexo social, ecológico e de cultura, o luso-tropicalismo põe em relevo a especificidade da colonização portuguesa devida à predisposição dos portugueses para a “aventura ultramarina”, a miscigenação e a interpenetração de valores e costumes.

Bosco (2017), em sua leitura sobre o conceito freyreiano de miscigenação, afirma que a partir da sua aplicação para explicar a realidade brasileira, o concreto do sexo impôs-se sobre as ideologias de raça sem, no entanto, as dissolver. E ao ser abrangido pela cultura popular ao lado de outros signos típicos da autoimagem do país, como o encontro, a cordialidade e a



malandragem, a ideia de miscigenação tornou-se dominante principalmente como ideologia da cultura do espetáculo e como propaganda turística, caracterizada sobretudo pela figura da *mulata*.

Todavia, o luso-tropicalismo também teve o seu impacto sobre a realidade portuguesa, sobretudo após a segunda metade do séc. xx. Como explicam J. M. Brandão de Brito e Fernando Rosas (1996), o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe consigo a crise do sistema colonial europeu, o que em poucos anos conduziu à quase descolonização total da África e da Ásia. Portugal, como forma de contornar esse contexto internacional desfavorável, abandonou a concepção imperial consagrada no *Acto Colonial*, revogado em 1951, e adotou o luso-tropicalismo como doutrina oficial.

Ao valorizar a capacidade dos portugueses de se relacionarem com os povos dos trópicos, a teoria demonstraria – conforme cálculo feito pelos ideólogos do Estado Novo – a diferença fundamental entre o colonialismo português e o do Norte da Europa.

[E]nquanto esta última ficara marcada pelo etnocentrismo, pela vontade de impor valores especificamente europeus, no caso português teria havido sobretudo a preocupação de transmitir valores universais (o cristianismo), do mesmo passo que se integravam os das populações indígenas, criando uma verdadeira “civilização luso-tropical”. (Brito & Rosas, 2006, p. 434).

Nesse contexto, o Brasil emergiu como a colônia-tipo, por corresponder ao exemplo mais bem-sucedido da miscigenação promovida pelos portugueses nos trópicos, o que tornou o país, nas palavras de Eduardo Lourenço (2015), caução do colonialismo tardio português. Questionamo-nos se a adoção do luso-tropicalismo e a divulgação de suas teses a partir de instrumentos de propaganda não cristalizou no imaginário social português a imagem do homem como possuidor de um grande furor sexual direcionado às mulheres dos trópicos, donas, por sua vez, de uma sensualidade inata.

### **Análise às notícias**

Para investigarmos a hipótese formulada de que os estereótipos presentes na representação mediática das brasileiras não se evidenciam apenas em textos relacionados com a temática da prostituição, indicando, ao contrário, que esta evidência não possui um caráter situado e a exploração de uma imagem sensual e tropicalizada perpassa o discurso jornalístico, conduzindo a uma feminização da figura do país, selecionamos quatro textos sobre distintas temáticas entre si.

Destes, três são de 2003 e foram publicados pouco tempo após a erupção do movimento “Mães de Bragança”. Em “O que é que o Brasil tem?”<sup>6</sup>, reportagem da *Única* (suplemento em formato de revista do *Expresso*) publicada três meses após a matéria de capa sobre o movimento<sup>7</sup>, discorreu-se sobre o fenómeno caracterizado de “inusitada diáspora”, em que “emigrantes de luxo” trocavam Portugal pelo Estado do Ceará, no Brasil. Já os

6 Carvalho, C. (2003). O que é que o Brasil tem? *Expresso: Única*, 15 de agosto, pp. 36-49.

7 Freitas, E. (2003). O sexo e a família. *Expresso: Única*, 10 de maio, pp. 64-70.

textos “A triste novela dos brasileiros que não sambam”<sup>8</sup> e “Brasileiras são prostitutas, brasileiros são ladrões”<sup>9</sup> correspondem a um especial da edição de dois de novembro do *Público*, em que o jornal traça um panorama da comunidade brasileira, já então a segunda maior do país.

Selecionamos esses textos, pois, apesar de terem sido publicados poucos meses após a polémica das “Mães de Bragança”, não se relacionam com os temas “prostituição” e “imigração ilegal”, então constantemente associados à cobertura jornalística sobre os imigrantes brasileiros, conforme observou estudo do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas: “em 2003, das 224 peças sobre o tema chave imigração e minorias étnicas, 48 (21,4%) abordavam, de alguma forma, a prostituição, na maioria envolvendo brasileiras.” (Correia, 2014, p. 188). Especificamente, sobre o texto da *Única*, consideramos importante

trazê-lo à análise pois, num momento em que o fluxo de brasileiros para Portugal era intenso, a reportagem dedica-se a retratar um movimento contrário, o de portugueses que iam para o Brasil.

Ao longo de 12 páginas, identificamos em “O que é que o Brasil tem?” o popular de imagens arreigadas sobre o Brasil e os brasileiros, cujos temas – como níveis estruturais profundos das representações sociais, no sentido formulado por Moscovici (1988) – remontam ao período colonial. Por exemplo, no seu início, ao ponderar as razões para cada vez mais portugueses se mudarem para o Brasil, a reportagem cita o sol, o mar de cor turquesa e os milhares de quilómetros de praia, para, no final do período, concluir: “Mas mesmo essa visão do paraíso, se calhar, não é suficiente”.

Como indica Bosco (2017), a exaltação da natureza subjacente à frase acima corresponde ao signo inaugural da descoberta do *mundus novus* e, no caso brasileiro, já consta de seu documento fundador, a carta de Caminha: “E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á

nela tudo, por bem das águas que tem” (citado por Bosco, 2017, p. 195).

Prosseguindo o questionamento dos primeiros parágrafos, o texto apresenta como possível justificativa a fala de um dos entrevistados: “Aqui é viciante fazer negócios”, diz. ‘Está tudo por fazer’”, que se conjuga a outra imagem arreigada, a de colónia como um espaço de natureza exultante, porém de precariedade material e institucional. Como vimos, no período pós-independência, o Brasil tentou compensar essa precariedade justamente pela exaltação da natureza. Porém trata-se de uma reportagem de 2003 e a maioria dos emigrantes dirigiam-se para Fortaleza, capital do Estado do Ceará, já então uma das maiores cidades brasileiras.

Identificamos ainda um lugar-comum na associação estabelecida entre Brasil e África, recorrente no pensamento colonial português desde o início do Terceiro Império (Machado, 2003). Tal associação fora reforçada aquando da adoção do luso-tropicalismo, em que o país emergiu como um modelo para as colónias existentes, todavia encontramos-la desde a independência do Brasil, quando se

8 Felner, D. R. (2003). A triste novela dos brasileiros que não sambam. *Público*, 2 de novembro, pp. 2-3.

9 Felner, D. R. (2003). ‘Brasileiras são prostitutas, brasileiros são ladrões’. *Público*, 2 de novembro, pp. 5.

disseminou a ideia de que para sobreviver Portugal deveria construir “novos Brasis em África”.

Na reportagem, sob os intertítulos “A outra África” e “Reencontrar o paraíso”, acentua-se o facto de que para alguns portugueses a mudança representava uma alternativa à vida que tinham em África, perdida com o fim do império, ao serem destacadas frases como estas: “África acabou, com a guerra. E isto é uma espécie de Angola melhorada. O Brasil é o melhor país do mundo” e “Vivemos 50 anos de sonho em Moçambique, 26 de inferno em Portugal. Agora estamos no paraíso. É a nossa recompensa.”.

Já a partir de um intertítulo como “Não existe pecado abaixo do Equador”, também observamos a reprodução quase inalterada de certas imagens, neste caso o estereótipo do Brasil como terra sem lei. Sob este intertítulo, a reportagem explica o envolvimento de uma das fontes com um contrabandista foragido à justiça portuguesa, em que, ao saber que o outro era responsável por um desfalque bancário, fez vista grossa, pois “Lá diz o samba que não existe pecado do lado de baixo do Equador.”.

A despeito da profusão de imagens estereotipadas, o principal argumento proposto pela reportagem – a de que uma vaga de portugueses bem abastados se dirigiam ao Ceará – carece de fundamentação sustentada, por exemplo, em dados oficiais e estudos. Como indicam Zhongdang Pan e Gerald M. Kosicki (1993), não são todas as notícias que se estruturam como uma narração de eventos ou ações; há aquelas que recorrem à estratégia de expor uma problemática – nesse caso, a emigração de portugueses para o Nordeste – e articular em torno uma série de ações, eventos e observações que visam explicá-la por meios hipotético-dedutivos.

A despeito de seu interesse em apresentar-se com um cariz empírico – algo inerente ao discurso jornalístico, dada sua definição nominal (Pan & Kosicki, 1993) –, a partir das citações de entrevistados e da descrição de factos, a reportagem, no entanto, revela certas características dedutivo-indutivas baseadas, por sua vez, em estereotipizações acerca do Brasil e dos brasileiros.

No auge da polémica sobre as “Mães de Bragança”, o texto, ao

contextualizar a fala de um entrevistado que diz sentir-se como um miúdo em Fortaleza e que lá um homem não tinha idade, indica ser a paquera uma instituição na cidade, onde, no entanto, a fronteira entre o clima de engate e a prostituição se mostrava ténue. Ainda chega a pontuar que Fortaleza era uma das rotas demarcadas do turismo sexual, porém brevemente e sem maiores desenvolvimentos do tema.

“A triste novela dos brasileiros que não sambam”, como dito, faz parte de um especial do *Público* sobre a comunidade brasileira, em que pelo subtítulo, “Cumplicidade linguística escondida de casos de discriminação, miséria e exploração”, exposto na chamada de capa ao especial, já se tem esboçado o tema dos textos que o compõem: a difícil condição de vida dos imigrantes. Nesta reportagem, as dificuldades são expostas a partir de descrições das moradias e imediações no bairro Cruz de Pau, na Margem Sul de Lisboa, onde vários brasileiros habitavam. Porém, como também se nota no seu título, são associadas duas imagens aos brasileiros – uma de origem mais antiga, o “samba”; outra de cariz mais recente, a “novela” – com o objetivo

de contrapor a tristeza emanada dos factos narrados ao imaginário de povo alegre e festeiro.

No subtítulo, esta correlação expõe-se mais claramente: “(...) descobriu histórias de pobreza, racismo e exploração, que desmascaram a cumplicidade linguística e o imaginário carnavalesco de povo feliz anunciado nas telenovelas.”. Como se os casos citados não fossem o suficiente para acabar com a felicidade de alguém...

Dentre os relatos dos imigrantes, dois discorrem sobre a associação estabelecida pelos portugueses entre brasileiras e prostituição: “Os portugueses não nos entendem, acham que mulher brasileira é tudo prostituta. Tratam mal a gente”; “É triste essa história de povo irmão, que fala a mesma língua. Que irmão nos trata como prostitutas (...)”.

Todavia, se a reportagem intenta expor formas de exploração e discriminação, a estereotipia não é de todo anulada do texto, emergindo de forma subtil ao caracterizar-se uma das personagens da seguinte forma: “(...) tem 26 anos, um filho de sete, a viver com a mãe, no Paraná, e a descontracção

sensual das brasileiras, ‘que faz tomar umas pelas outras’”.

Em “‘Brasileiras são prostitutas, brasileiros são ladrões’”, pequena reportagem a seguir a esta, o mesmo repórter expõe a visão dos brasileiros sobre o tratamento dos portugueses em relação a eles. No subtítulo, são indicadas em forma de hipóteses as razões para uma relação que não se mostrava pacífica: “Os imigrantes brasileiros vivem à parte, fazendo amizades entre si, namorando entre si. Choque cultural, choque sexual, ou mero efeito das ‘mães de Bragança’?”.

No entanto, a despeito deste interesse, expresso já na reportagem anterior, em expor o preconceito dos portugueses em relação aos brasileiros (sobretudo, em relação às brasileiras), a foto escolhida para ilustrá-la é a da parte inferior de um corpo feminino em trajes mínimos, carnavalescos, posicionada acima do “olho”. Ao caracterizar uma das entrevistadas, o repórter afirma tratar-se de uma jovem bonita, “usando um decote pronunciado (...)”, o que indica mais uma vez, a sua dificuldade em desvincular-se de seus estereótipos.

Tais inferências acerca da sensualidade das imigrantes, evidente nesta passagem e de forma mais explícita em: “(...) descontracção sensual das brasileiras, ‘que faz tomar umas pelas outras’”, sugere uma lexicalização excessiva na caracterização de brasileiras. Como explica Peter Teo (2000, p. 20):

Over-lexicalization results when a surfeit of repetitious, quasi-synonymous terms is woven into the fabric of news discourse, giving rise to a sense of ‘over-completeness’ (Van Dijk, 1991) in the way participants in the news discourse are described. It is characteristic, according to Fowler et al., that powerless people are over-lexicated (...).

Nos exemplos apontados, a excessiva caracterização tem como consequência negativa a associação das personagens ao que corresponderia a um desvio em relação à convenção social. Pois, ao indicar o carácter sensual das brasileiras, sugere-se a sua distinção relativamente a um comportamento tido como o

“normal”, conforme identificado nas portuguesas.

Por fim, em “As dores de crescimento de um biquíni”<sup>10</sup>, reportagem de 2012 do *Público*, portanto, já distante temporalmente da polémica das “Mães de Bragança”, observa-se a permanência renitente de estereótipos relacionados à sensualidade da mulher brasileira, mesmo numa reportagem da editoria de economia. Para discorrer sobre a indústria de *beach wear* brasileira, o subtítulo justifica a exploração da imagem do Brasil da seguinte forma: “O Brasil é o mais *sexy* dos países do BRIC e por isso tanto se vende a sua imagem (...)”. Todavia, nota-se neste texto uma inflexão, em que a exploração da imagem sensualizada da brasileira se desloca da morena/*mulata* para o perfil ariano das *top models*: “Esta é a moda que o Brasil primeiro começou a exportar – o seu corpo, em especial da região que deu ao mundo Gisele Bündchen [modelo loira e de olhos claros]”.

No final, a reportagem conclui que, a despeito da internacionalização do

mercado da moda e da hegemonia de grandes marcas do hemisfério norte, a moda *beach wear* permanece essencialmente brasileira. “No fim, nos padrões e no ambiente, o tropicalismo – e este último tem, sem dúvida, genes brasileiros”.

### Considerações finais

Buscamos expor, a partir de textos publicados apenas alguns meses após a emergência do caso “Mães de Bragança”, que, a despeito de ter revelado de forma mais sintomática os processos de estereotipização de que as brasileiras são vítima ao serem representadas no discurso jornalístico, estes não se evidenciam apenas em textos que repousam sobre a temática da prostituição. Ainda que a imagem da brasileira como possuidora de uma sensualidade e exuberância inatas tenha encontrado campo fértil para ser trabalhada em textos que, no início do séc. XXI, relacionavam a imigração brasileira feminina a ocorrências de prostituição ilegal e tráfico de pessoas, a sua presença nos *media* mostra-se mais ubíqua.

Fruto de imaginários sociais que em Portugal remontam ao período colonial, a imagem da brasileira carrega o contributo fundamental do luso-tropicalismo, sobretudo por meio de uma das suas principais teses, a miscigenação, incorporado e alçado a ícone tanto pela cultura portuguesa quanto pela brasileira. Porém, a partir da chegada em massa de imigrantes brasileiros e da presença cada vez mais constante de sua cultura em Portugal – por meio principalmente, das telenovelas – em finais do séc. XX, as representações sociais acerca das brasileiras foram-se atualizando sem, contudo, perder seu caráter de exotismo e exuberância.

Se aqui nos preocupamos em demonstrar que a construção dessa imagem também é da responsabilidade do Estado brasileiro e da sua cultura popular, foi apenas com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do fenómeno, pois o nosso objeto de análise é o discurso jornalístico português acerca da brasileira, influenciado que é pelas representações sociais sobre esta minoria. Nesse sentido, o que nos interessa é questionar a presença, em Portugal, de tal

10 Cardoso, A. J. (2012). As dores de crescimento de um biquíni. *Público*, 23 de maio, pp. 26-27.

imagem e a sua utilização irrefletida pelos *media*.

Em seu artigo, Correia (2014) conclui que dez anos após o caso “Mães de Bragança”, as reportagens relacionadas aos temas “prostituição” e “imigrantes brasileiras” apresentavam um tom mais equilibrado em que, em vez de se promover o sensacionalismo, buscava-se a exposição de ângulos alternativos. Todavia, relativamente a outros textos de temática distinta, não pensamos que a imagem estereotipada da brasileira se tenha atenuado, conforme a reportagem “As dores de crescimento de um biquíni” indica.

## REFERÊNCIAS

- Bosco, F. (2017). *A vítima tem sempre razão? Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro*. São Paulo: Todavia.
- Brito, B. M. J. & Rosas, F. (1996). *Dicionário de História do Estado Novo*. Vol. I. Lisboa: Bertrand Editora.
- Castelo, C. (1988). *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1966)*. Porto: Edições Afrontamento.
- Correia, C. J. (2014). Dez anos depois de Bragança, a representação da mulher brasileira nos *media*. *Verso e Reverso*, XXVIII, 69, 186-192.
- Craveiro, C. & Carvalho, C. (2017). A um passo da branquitude: o que dizem os corpos das mulatas brasileiras. *Interfaces Científicas – Humanas e Sociais*, 6(2), 65-76.
- Dijk, V. A. T. (2005). *Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso*. Porto: Campo das Letras.
- Feldman-Bianco, B. (2001). Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: constructions of sameness and difference. *Global Studies in Culture and Power*, 4(8), 607-650.
- Ferin-Cunha, I. (2005). A mulher brasileira na televisão portuguesa. In *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico*. V. III. (pp. 535-553). Disponível em: [www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-a-mulher-brasileira-na-televisao-portuguesa.pdf).
- França, J. M. C. (2003). Mulheres dos trópicos. *Revista Trópico*. Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/1651,1.shl>.
- Freyre, G. (1933/ 2006). *Casa grande & senzala*. São Paulo: Global.
- Hoijer, B. (2011). Social Representations Theory. A New Theory for Media Research. *Nordicom Review*, 32, 3-16.
- Lippmann, W. (1922/ 1998). *Public Opinion*. New York: Macmillan.
- Lourenço, E. (2015). *Do Brasil. Fascínio e Miragem*. Lisboa: Gradiva.
- Machado, R. J. I. (2003). *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto* (tese de doutoramento). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000300843>.
- Malheiros, M. J. (2007) *Imigração brasileira em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representation. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Oliveira, F., Cabecinhas, R. & Cunha-Ferin, I. (2011). Retratos da mulher brasileira nas revistas portuguesas. In *Encontros de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Bahia: UFBA.

Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise. In M. J. Malheiros (org.) *Imigração brasileira em Portugal* (pp. 113-134). Lisboa: Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI.

Pan, Z. & Kosicki, M. G. (1993). Framing analysis: An Approach to News Discourse. *Political Communication*, 10, 55-75.

Pais, M. J. (2010). “Mães de Bragança” e Feitiços: Enredos Luso-Brasileiros em Torno da Sexualidade. *Revista de Ciências Sociais*, 41(2), 9-23.

Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, 23, 229-256.

Queiroz, C. (2016). Representações das imigrantes brasileiras na imprensa portuguesa – uma análise do jornal Público. In *Atas do IX Congresso Português de Sociologia. Portugal, território de territórios*.

Teo, P. (2000). Racism in the news: a Critical Discourse Analysis of news reporting in two Australian newspapers. *Discourse & Society*, 11(1), 7-49.